

# **Uma leitura psicanalítica das relações sociais em uma experiência de minicurso para adolescentes**

*Edison Evaristo Vieira Junior\**

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão psicanalítica sobre as relações sociais estabelecidas em um minicurso para adolescentes do “Programa Escola da Família” em uma escola estadual do município de Guarulhos, no estado de São Paulo, com o intuito de gerar subsídios teóricos sobre o comportamento do indivíduo em um grupo e o impacto do grupo no indivíduo. O minicurso foi ministrado em três encontros, - um encontro por semana, - através de conteúdos expositivos e dinâmicas de grupo, na qual as relações entre os participantes foram observadas a cada momento. Concluiu-se que nem sempre os objetivos individuais estão consonantes com os objetivos do grupo, mas que diante deste embate, alguns preferem se adequar, enquanto que outros preferem se retirar do grupo. A influência da liderança positiva também foi constatada e seu impacto nos demais foi alvo de discussão.

## **PALAVRAS CHAVES**

Psicanálise – grupo – adolescente – liderança - psicologia

## **ABSTRACT**

This article aims to present a psychoanalytic discussion of social relations in a short course for teenagers of "Family School Program" in a state school in the city of Guarulhos, in São Paulo, in order to generate theoretical basis on the individual's behavior in a group and the impact of the group on the individual. The short course was taught in three meetings - one meeting per week - through exhibition contents and group dynamics, in which the relationship between the participants were observed at every moment. It was concluded that not always the individual goals are in line with the objectives of the group, but before this confrontation, some prefer to adjust, while others prefer to withdraw from the group. The influence of positive leadership was also noted and their impact on others was subject of debate.

## **KEYWORDS**

Psychoanalysis - group - teen - leadership - psychology

## INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos no momento criou uma cultura um tanto deturpada sobre a valorização do ser humano. Por um lado o mercado de trabalho valoriza o indivíduo jovem por estar em seu pleno vigor físico, estando apto a realizar inúmeras tarefas que exijam força e resistência. Por outro lado, também valoriza o trabalho intelectual pagando os melhores salários a “quem pensa”, em detrimento do trabalhador braçal, mas rejeita os mais velho no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho valoriza o trabalho intelectual, também valoriza o vigor físico, mas não é sempre que um está acompanhando o outro. Um indivíduo, dentro de sua juventude, pode estar ainda com seu conteúdo intelectual em desenvolvimento, não estando com uma base psíquica adequada para realizar tarefas de grande responsabilidade. Enquanto que pessoas mais velhas, apesar do seu conteúdo intelectual desenvolvido, em franca atividade, pode não ter o vigor físico de um jovem. Este indivíduo mais velho não costuma ser tão valorizado pelo mercado de trabalho, apesar de poder exercer funções de nível intelectual normalmente, com bagagem psíquica suficiente para suportar os estressores do dia a dia. Esta confusão no modo de valorizar o ser humano cria uma série de empecilhos para aqueles que pretendem ingressar no mercado de trabalho, sobretudo os jovens.

Logicamente há instituições e organizações, com um quadro técnico competente e consciente, que sabe valorizar o ser humano por seus méritos e por sua capacidade, não apenas exigindo algo que alguém ainda não pode oferecer, mas sabendo desenvolver o que cada um ainda pode.

Pensando nisso é que foi decidido elaborar o conteúdo do minicurso para um público que ainda está se preparando para o mercado de trabalho: os adolescentes. A elaboração de um minicurso fazia parte dos requisitos para a conclusão da disciplina de Dinâmica de Grupo e Relações Humanas no curso de graduação da Universidade Guarulhos.

A perspectiva de pouco quorum foi confirmada quando procuramos a responsável do Projeto Escola da Família em uma escola estadual de Guarulhos - SP, que disse que muitas vezes demora vários meses para se conseguir formar uma turma de algum curso que o Projeto oferece, mesmo sendo gratuitos. Ela citou o exemplo do curso de inglês que demorou meses para formar uma turma com crianças e ainda não tinham conseguido absolutamente nenhum interessado para a turma de adolescentes, mesmo com divulgação nas escolas públicas, - classe por classe, - e em cartazes colocados na porta da escola. Sendo assim, foi decidido fazer os convites individuais como um diferencial, além dos cartazes expostos na escola semanas antes.

Como estávamos na escola e havia inúmeros adolescentes jogando futebol, decidimos que

estes poderiam ser participantes do minicurso, mesmo com receio de poucos aceitarem a ficar mais duas horas num minicurso depois de estarem cansados e suados. Por sorte todos aceitaram e já foram convidados para os próximos encontros nas semanas seguintes.

Os assuntos foram adequados a realidade do adolescente de classe média-baixa ou baixa para que se identificassem com o minicurso. Apesar de o tema ser sobre a conquista do primeiro emprego, decidimos incluir assuntos como 'estresse', sabendo dos conflitos típicos da adolescência e 'autoestima' para que se sintam capazes e confiantes na busca por emprego. Os demais assuntos foram mais diretamente ligados as situações corporativas mais comuns no mercado de trabalho brasileiro. Apesar da pouca procura, notamos que os presentes tinham inúmeras dúvidas e falsos conceitos sobre o tema tratado, devido a enorme quantidade de perguntas que foram dirigidas.

No primeiro encontro, a dinâmica de “apresentação de duplas” consistia em colocar os participantes em duplas para que conversassem e depois um apresentasse o outro à turma, muito adequada para grupos que ainda não se conheciam. Apesar de haver um grupo maior mais próximo, notamos que havia algumas pessoas que nunca haviam se visto e outros que se viam apenas nos jogos de futebol, não tendo relacionamento social mais assíduo. Decidiu-se em manter a mesma dinâmica e em vez de deixar que as duplas surgissem de forma aleatória, as duplas foram escolhidas para juntar mais os desconhecidos entre si. A integração foi rápida e os participantes agiam como se conhecessem há muito tempo, com exceção de dois garotos que vinham de outro lugar, acompanhados de duas garotas.

Com a dinâmica “Fazendo nós”, que consistia em os participantes fazerem nós num pedaço de barbante com a mão dominada e posteriormente fazer os nós em duplas, também com as mãos dominadas, além dos objetivos mais didáticos como a competitividade sadia relacionada ao mercado de trabalho, tínhamos a intenção de ressaltar o trabalho grupal e a ajuda mútua diante de um problema comum. Esta noção de união diante de um objetivo comum pode ser generalizada a outras situações da vida do adolescente. Durante a discussão, percebeu-se que os objetivos haviam sido alcançados e a noção de trabalho em equipe havia sido assimilada.

No segundo encontro notou-se sinais de hostilidade por parte dos dois garotos que vieram com as duas garotas em relação aos demais que vinham do jogo futebol, apesar destes últimos os receberem muito bem. Provavelmente os garotos do futebol nem perceberam que estavam sendo hostilizados pelos outros dois, pois vez ou outra faziam brincadeiras e nenhuma vez foram correspondidos, ao contrário das garotas que riam e brincavam também. Tais sinais de hostilidade foram comprovados somente no terceiro e último encontro, pois os dois se negaram a vir e declararam que o motivo era exclusivamente a presença dos garotos do futebol.

A primeira dinâmica do segundo encontro, “Contando História”, consistia na distribuição aos participantes de pequenos papéis com uma palavra escrita por papel. Logo após leu-se uma estória e durante esta, toda vez que se dizia a palavra correspondente aos papéis distribuídos, o dono do papel batia palma. Esta dinâmica, além de ressaltar o valor da boa atenção a todo um contexto e não somente a parte dele, visava reconhecer a relação de competitividade entre os participantes e conseqüentemente suas relações. Notamos que entre os garotos do futebol, alguns tentavam avisar o outro quando o coordenador lia a palavra correspondente, sem nenhuma competitividade, em contraposição a outros que ficavam atentos ao coordenador, sem se importar com os demais.

O material que fora distribuído neste segundo encontro também foi alvo de grande interesse por parte dos participantes. Os exemplos de currículos e cartas de apresentação eram somente para serem expostos, mas tiveram que ser distribuídos diante dos pedidos de alguns. Foi necessário trazer mais no encontro seguinte e distribuir a todos. Esta exposição de material visava auxiliar os participantes na preparação de currículos, sobretudo para aqueles que nunca haviam trabalhado.

A dinâmica “Carta para eu mesmo” consistia em fazer os participantes escreverem uma carta para si mesmo, como se fosse um amigo, perguntando o que pensa em fazer nos próximos dias, semanas e meses e o que fará para chegar a tais metas, possibilitando o levantamento do nível de interesse dos participantes em relação ao minicurso e ao mesmo tempo frisar a importância do estabelecimento de metas na vida. Alguns participantes relataram que nunca haviam pensando nisso e que tiveram dificuldades de estabelecer metas alcançáveis dentro da realidade de cada um. Os objetivos foram alcançados e constatamos que o interesse pelo assunto era geral.

O outro material distribuído com endereços de páginas na internet e de locais onde se realizavam estágios, cursos gratuitos e agências de emprego também visava ajudar os participantes e não tinha nenhum fim didático específico, assim como os outros materiais distribuídos neste encontro.

O último encontro foi muito descontraído e teve um clima de despedida.

Durante a simulação da entrevista em processo seletivo, os participantes prestaram grande atenção e notou-se o quanto desconheciam este sistema de contratação devido a grande quantidade de perguntas que fizeram depois da simulação. Todos sabem das 'entrevistas de emprego' mas poucos sabem se comportar diante delas.

Foi solicitado um voluntário, alguns participantes aclamavam os aparentemente mais tímidos, mais calados, para serem os entrevistados. Ao fazer isto, alguns poderiam estar expressando um pouco de sadismo, outros poderiam estar expressando a vontade de ver o colega mais descontraído, ficando difícil afirmar com segurança a intenção dos participantes. O voluntário

foi justamente um dos rapazes que organizavam os jogos e que exercia uma certa liderança aos demais.

Na dinâmica da “campanha publicitária” os participantes foram divididos em subgrupos e criaram uma campanha publicitária para um produto que eles inventaram. Esta dinâmica visava reconhecer o nível de coesão grupal, de como os subgrupos se organizariam e ressaltar as vantagens de trabalho em equipe num contexto profissional e constatamos que todos os participantes ficaram bem misturados e se tratavam com muita naturalidade. Dois grupos tiveram lideranças mais visíveis e os outros foram simplesmente criando ideias e colocando em execução sem muito debate.

Para avaliar o minicurso, escolheu-se uma dinâmica bem descontraída para fechar o trabalho com um clima alegre, mas com responsabilidade. A “Avaliação do trabalho” consistia em dividir os participantes em subgrupos para responderem um pequeno questionário relativo ao minicurso, numa espécie de concurso, vencendo a equipe que mais respondesse corretamente. O trabalho foi muito descontraído e parecia não haver disputas entre os subgrupos. Na discussão, os participantes mostraram que haviam gostado muito do minicurso, sem tecerem críticas ou darem sugestões ou elogios maiores.

O minicurso foi elaborado e colocado em prática dentro do planejado. Nenhuma dinâmica foi alterada e poucos foram os imprevistos, o mais preocupante foi a falta de quórum no início que foi logo resolvida. O conteúdo do trabalho foi passado com clareza aos participantes e as dinâmicas, em modo geral, atenderam os objetivos.

## REVISÃO TEÓRICA

Contreras (1999) define um grupo como um “conjunto de sujeitos que interagem movidos por um fim comum a todos eles”. Porém, frisando a individualidade, diante de um estímulo idêntico, indivíduos diferentes reagirão cada um de sua forma. Desta maneira, cada indivíduo influencia de alguma forma o grupo onde está inserido e este o influencia reciprocamente.

No início do século passado, Freud (1905/1995) já discorria sobre a influência do grupo no comportamento individual, citando as manifestações religiosas onde ocorriam curas miraculosas, na qual a expectativa de cura de um doente era ampliada pela presença entusiástica da multidão com o mesmo objetivo. As atividades psíquicas de um indivíduo neste contexto são consideravelmente aumentadas a ponto de proporcionarem uma 'cura', mostrando, além disso, a influência que corpo e psiquismo exercem um sobre o outro.

Além da influência do grupo no indivíduo, Freud (1905/1995), assim como Contreras (1999), afirmou que o indivíduo também influenciava o grupo através de seu comportamento, sobretudo através da comunicação pela palavra, que além de ter efeito terapêutico, possui efeito de mediação entre membros de um grupo.

“É que as palavras são o mediador mais importante que um homem pode exercer sobre o outro; as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas (psíquicas) naqueles a quem são dirigidas, e por isso já não soa enigmático afirmar que a magia das palavras pode eliminar os sintomas patológicos, sobretudo aqueles que se baseiam justamente nos estados psíquicos.” (1905/1995, CD-ROM).

Apesar disto, a psicanálise ortodoxa não dedicou-se para estudar os grupos e seu funcionamento e o próprio Freud nunca recomendou a psicoterapia de grupo, mas não deixou de mencionar o trabalho realizado com neuróticos de guerra no derrotado exército austríaco após a Primeira Grande Guerra Mundial, onde:

“...os estudos de Simmel demonstram que êxitos se poderiam alcançar tratando os neuróticos de guerra pelo método da catarse, que, como sabemos, foi o primeiro passo no sentido de uma técnica psicanalítica.” (FREUD, 1918/1995, CD-ROM).

O trabalho com grupos consiste, inicialmente, em uma análise do contexto social do indivíduo e como este reage à este contexto social. Ao elaborar o mini-curso, efetuou-se uma breve análise da condição social do jovem adolescente em relação ao mercado de trabalho na atualidade. Freud (1908/1995, CD-ROM) nos primeiros anos do século XX, já falava sobre algumas características da sociedade ocidental (contexto social) e seu impacto no indivíduo para

compreender de forma mais apurada as reações do sujeito diante dos estímulos sociais.

Cresceram as exigências impostas à eficiência do indivíduo e só reunindo todos os seus poderes mentais ele pode atendê-las. Simultaneamente, em todas as classes aumentam as necessidades individuais e a ânsia de prazeres materiais; um luxo sem precedentes atingiu as camadas da população a que até então era totalmente estranho; a irreligiosidade, o descontentamento e a cobiça intensificam-se em amplas esferas sociais. O incremento das comunicações resultante da rede telegráfica e telefônica que envolve o mundo alteraram completamente as condições do comércio. Tudo é pressa e agitação. [...]. exingindo violentos esforços da mente e roubando tempo à recreação, ao sono e ao lazer. A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquila. [...] Nossa audição é excitada e superestimada por grandes doses de música ruidosa e insistente. As artes cênicas cativam nossos sentidos com suas representações excitantes, enquanto as artes plásticas se voltam de preferência para o repulsivo, o feio e o estimulante, não hesitando em apresentar aos nossos olhos, com nauseante realismo, as imagens mais horríveis que a vida pode oferecer.

Um jovem adolescente inserido neste contexto social psiquicamente insalubre pode enveredar-se para as mais diversas formas de comportamento, como a sensualidade exacerbada até a delinquência. A constante necessidade de prazeres materiais, como cita Freud, frustra quem não a detém e, como já se sabe, cada indivíduo reage de uma forma distinta diante desta situação, dependendo de suas aquisições individuais.

Os problemas de uma sociedade, segundo Freud (1927/1995), precisam ser delineados a partir de uma distinção das privações que atingem a todos, das privações que atingem apenas a grupos, categorias ou indivíduos insolados para poderem ser resolvidos de forma efetiva. Caso assim não seja feito, explicam Cabernite e Corrêa (1976), a integração jamais será obtida, pois o grupo é uma continuação do ego e somente com o amadurecimento deste é que uma sociedade chegará a uma integração totalizada, atendendo, paralelamente, ao amadurecimento das demandas internas do indivíduo.

Apesar do mini-curso ter sido direcionado para um grupo específico, no caso os jovens adolescentes, a dificuldade em se colocar no mercado de trabalho pela primeira vez pode atingir todo e qualquer cidadão brasileiro e com certeza já atingiu a muitos em tempos passados, interferindo, inclusive, na vida das famílias das pessoas envolvidas. Portanto, seguindo a orientação da psicanálise é que o mini-curso foi direcionado à um problema que pode atingir, atingiu ou atingirá qualquer integrante da sociedade, dispensando a visão individualista e totalizando os objetivos dos participantes. Freud discorreu sobre esta visão não falando da psicoterapia de grupo e sim de uma resolução de problemas da civilização num campo político e social.

Apesar do tema abordado pelo mini-curso ser de interesse praticamente geral entre os jovens

adolescentes, a procura pelo mesmo, - apesar de ter sido devidamente divulgado em escolas públicas de ensino fundamental e médio, - foi insatisfatória. Poderíamos discorrer sobre inúmeras variáveis que poderiam ter impedido uma participação de mais pessoas, mas também poderíamos inferir sobre fatores internos inconscientes. Freud (1930[1929]/1995) analisa essa tendência de não lidar com a realidade como sendo uma tentativa de isolar o ego de todas as fontes de desprazer (no caso a própria situação de estar desempregado ou receio de não sobressair-se no mercado de trabalho) para evitar um confronto com um mundo externo ameaçador, o que é um ponto de partida para distúrbios patológicos.

No primeiro encontro do mini-curso, apenas quatro pessoas compareceram espontaneamente, os demais foram todos convidados pouco antes a participarem. Os dois rapazes que organizavam os jogos de futebol na escola em questão eram desconhecidos pelo organizador do mini-curso, sendo assim, não se sabia o tipo de relacionamento que tinham com os adolescentes que jogavam sob suas orientações. Foram estes dois rapazes que apresentaram o mini-curso aos demais e fizeram o convite. Logo foi possível notar que estes dois rapazes gozavam de um certo respeito entre os garotos que jogavam. Esta liderança pode ser explicada por Freud (1921/1995) quando afirma que a sugestão só pode ser exercida por aqueles que gozam de prestígio no grupo, que impele os indivíduos a compartilharem uma emoção única desencadeada por esta mesma pessoa (líder ou não) que goza de prestígio.

Outro fator que ocorreu nesta situação foi o da identificação do grupo em relação aos organizadores dos jogos de futebol. Durante os encontros notamos que estes dois rapazes tinham um comportamento exemplar e recebiam, de certa forma, uma maior atenção por parte do organizador do mini-curso, para manter o grupo coeso e para que estivessem presente nos outros encontros, junto com os demais. O grupo identificava-se com estes rapazes por representarem o que muitos ali gostariam de ser, o que Freud (1921/1995, CD-ROM) classificou de Ideal de Ego, no qual o indivíduo “esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo”.

Outro momento em que notamos a liderança destes dois rapazes foi durante a dinâmica da “campanha publicitária”, onde os grupos em que estavam presentes tiveram uma organização interna mais acentuada. Os outros grupos sem uma liderança presente concluíram a tarefa aos impulsos de seus membros, sem uma coesão consistente.

A coesão grupal existente entre os garotos do futebol também pode ser explicada, - além da identificação do grupo com os líderes, - através dos laços emocionais compartilhados que satisfaçam as necessidades de cada indivíduo no grupo. O líder pode ser um integrante do grupo ou uma idéia geral unificadora.

... o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza de laço com o líder. (FREUD, 1921/1995, CD-ROM).

Freud continua afirmando que estes laços emocionais que mantêm a coesão grupal se dão pelo fato dos membros do grupo preferirem estarem integrados para realizarem algo prazeroso (atividades esportivas, amizades, etc.) em vez de estarem contra o grupo. Estes laços emocionais podem ser chamados de *libido* que para a psicanálise consiste na definição de uma energia de fundo sexual comumente chamada de *amor* em nossa sociedade, que tem como objetivo satisfazer as necessidades e desejos do indivíduo, sejam elas sociais, afetivas, materiais, etc. Os objetos escolhidos para o investimento libidinal (catexia) estão relacionados aos instintos sexuais, que nada mais são do que a expressão da libido. Essa energia libidinal nem sempre é investida sexualmente e pode ser transferida para outros objetos, para que o indivíduo não burle regras sociais e mantenha-se integrado no meio onde vive. Essa transferência da catexia libidinal para objetos socialmente aceitos chamamos de *sublimação*. Desta forma, podemos concluir que os integrantes do grupo mantinham relações libidinais sublimadas entre si, isto é, uma relação dessexualizada.

Durante os encontros, os laços emocionais ou libidinais continuaram ativos e a coesão grupal manteve-se, visto o nível de descontração em que se encontrava o grupo. Caso estes laços emocionais tivessem sido rompidos por algum motivo, como a saída da liderança, por exemplo, a coesão grupal também poderia ser afetada.

A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, traz a irrupção do pânico, embora permaneça o mesmo, os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo em que o laço com seu líder. O grupo desvanece-se em poeira, [...] quando uma de suas extremidades é partida. (FREUD, 1921/1995, CD-ROM)

Mas este grupo maior, devido as circunstâncias, teve que ser unido com um grupo desconhecido menor. A recepção deste grupo menor pelo grupo maior foi cordial, pois estes não representavam absolutamente nenhum perigo à coesão grupal e nem ameaçavam os interesses do grupo como um todo. As duas garotas que integravam este grupo menor, em nenhum momento demonstraram desprezo para com o grupo maior, muito pelo contrário. O fato de terem idades parecidas e serem do sexo oposto, as garotas podem ter sido alvo de investimento libidinal dos garotos. Tanto que quando os dois garotos que as acompanhavam não vieram no último encontro, tanto as garotas como os garotos se mostraram mais espontâneos entre si. Já os garotos que as acompanhavam mostraram grande desprezo pelos demais garotos com a suposta alegação de “falta

de educação” desses últimos.

Não sabemos a vida pregressa destes dois garotos e suas verdadeiras intenções em relação ao minicurso e com as garotas que acompanhavam, mas poderíamos hipotetizar que estivessem interessados em manter um relacionamento mais íntimo com estas garotas e visto que estas trocaram gracejos com os demais, sentiram-se ameaçados em seus intentos. Apesar desta repulsa, estes garotos participaram das atividades normalmente. Freud (1921/1995, CD-ROM) nos dá um exemplo do que ocorreu:

... Quando um grupo se forma, a totalidade dessa intolerância se desvanece, temporária ou permanentemente, dentro do grupo. Enquanto uma formação de grupo persiste ou até onde ela se estende, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles.  
(FREUD, 1921/1995, CD-ROM)

Já fora do grupo, estes dois garotos relataram sua repulsa para com os garotos e relataram tal repulsa para as garotas que acompanhavam. A antipatia fora disfarçada apenas nas relações grupais, mas fora daquele contexto, ela pôde ser expressa, mostrando o narcisismo ferido dos garotos no que tange a sua preservação.

Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem tem de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo. Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração. (FREUD, 1921/1995, CD-ROM).

O fato dos garotos atribuírem a ausência no último encontro à “falta de educação” dos demais, nada mais trata-se que uma identificação projetiva. Visto o modo como eles trataram os garotos do futebol, num mecanismo parecido com o da melancolia (depressão), o Ego recebeu reprimendas de outra parte do Ego, - o Ideal de Ego, - e acabaram “atribuindo ao mundo externo (no caso os garotos do futebol) características que se originaram em seu próprio ego” (no caso a falta de educação deles próprios). (FREUD 1930 [1929]/1995).

A relação dos garotos do futebol com os outros dois não foi de hostilidade ou ciúme, pois como tinham dúvidas se as garotas eram ou não suas namoradas, começaram a ter o suposto objeto de desejo (as garotas) como algo inacessível renunciando a libido originalmente investida, evitando o conflito. Freud (1921/1995, CD-ROM) exemplifica da seguinte forma:

Basta-nos pensar no grupo de mulheres e moças, todas elas apaixonadas de forma

entusiasticamente sentimental, que se aglomeram em torno de um cantor ou pianista após a sua apresentação. Certamente seria fácil para cada uma delas ter ciúmes das outras; porém, diante de seu número e da conseqüente impossibilidade de alcançarem o objetivo de seu amor, renunciam a ele e, em vez de uma puxar os cabelos da outra, atuam como um grupo unido, prestam homenagem ao herói da ocasião com as ações comuns e provavelmente ficariam contentes em ficar com um pedaço das esvoaçantes madeixas *dele*.

A falta de disputa entre os participantes pôde ser notada, sobretudo em dois momentos do minicurso. A primeira vez foi durante a dinâmica 'Contando Estória' onde um participante avisava o outro quando este tinha que bater palma, apesar desta não ser sua função. A segunda vez foi já no final do minicurso, na dinâmica "Avaliação do Trabalho", onde cada grupo procurava responder sem a competitividade comuns em gincanas, por exemplo. Esta falta de disputa interna também estava diretamente ligada ao laço afetivo que foi reforçado ainda mais durante o minicurso e que mesmo durante os jogos de futebol, estes garotos, provavelmente, utilizavam o esporte como mero meio de lazer e não como meio de disputa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência psicanalítica nos dá informações valiosas sobre o funcionamento grupal, nos proporcionando um entendimento mais pormenorizado sobre este tipo de experiência humana no que se refere ao psiquismo de um sujeito inserido em um grupo.

A experiência com a aplicação deste minicurso nos proporcionou um conhecimento mais amplo sobre as aspirações individuais e coletivas, mais especificamente com adolescentes de classe média e baixa urbanas. Sobre as aspirações individuais, constatamos que estes adolescentes são influenciados (sugestionados) a consumirem cada vez mais coisas que não necessitam frustrando-se quando não conseguem obter os objetos de desejo. Pode parecer um tanto óbvio, mas esta frustração, se mal direcionada, pode levar o adolescente à caminhos que abrangem desde a patologias mentais até a delinquência juvenil. Inserir este jovem no mercado de trabalho torna-se uma necessidade imediata para que a sociedade não se desestabilize ainda mais.

Esta sugestão ao consumismo também pode ser entendida com um processo de identificação, tanto que as propagandas na mídia utilizam-se de indivíduos com uma aparência saudável, jovem, de sucesso e também de consumista, para que o Ideal de Ego dos que tem contato com esta propaganda seja reformulado. O fato dos adolescentes que participaram do minicurso se identificarem com os rapazes que organizavam os times, que aparentemente tinham uma certa responsabilidade, nos leva a refletir sobre o tipo de influências e de identificações que os jovens brasileiros vem obtendo, com a exaltação pela mídia de figuras como traficantes de drogas, sociopatas, políticos corruptos que não são punidos, entre muitos outros exemplos.

Inserir e manter o jovem no mercado de trabalho, apesar de necessário, não é o suficiente. O jovem precisa conscientizar-se de seu papel na sociedade, conhecer suas verdadeiras necessidades, diferenciando-as dos seus desejos e tentar alcançá-las com responsabilidade.

Durante a aplicação do minicurso, notamos que os temas tratados foram de grande interesse e as perguntas foram diversas, a ponto de causar atrasos. Numa nova aplicação deste mesmo conteúdo, o tempo reservado às dúvidas deve ser ampliado.

Os assuntos tratados possuem um vasto material disponível, tanto que foi preciso selecionar apenas uma pequena fração deste para demonstrar aos participantes do minicurso. Mas em nossas conversas informais antes e depois de cada encontro, constatamos que mais temas sobre relacionamentos humanos e transformação social deveriam ter sido incluídos, para que os participantes, além de entenderem os mecanismos, vícios e culturas no mercado de trabalho, também possam compreendê-lo a tal ponto que possam também transformá-lo num contexto mais humano, mas prático, mais compreensivo, mais inclusivo e menos segregatório. Os assuntos tratados no minicurso com teor mais corporativo devem ser mantidos, mas outros que proporcionem uma conscientização mais efetiva da participação do contexto social sobre a vida individual devem ser incluídos. Em suma, o minicurso, mesmo que tenha a intenção de fazer com que o adolescente ingresse com mais segurança no mercado de trabalho através da mudança de atitudes e ações, também deve despertar nos participantes sentimentos mais ativos de transformação e não de mera passividade diante de um quadro social específico.

A aplicação do minicurso atendeu as expectativas de entender um pouco mais sobre o funcionamento grupal e fundamentar alguns dos acontecimentos observados com a teoria psicanalítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

CABERNITE, L.; CORRÊA, P. D., *O Complexo de Édipo na psicanálise e na análise de grupo*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

CONTRERAS, J. M., *Como trabalhar em grupo: introdução à dinâmica de grupos*. São Paulo: Paulus, 1999.

FREUD, S., (1905). Tratamento psíquico (ou anímico). In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 7. CD-ROM.

\_\_\_\_\_, (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 17. CD-ROM.

\_\_\_\_\_, (1918). Introdução a 'A psicanálise das neuroses de guerra'. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 17. CD-ROM.

\_\_\_\_\_, (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 18. CD-ROM.

\_\_\_\_\_, (1927). O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1995, v. 21, CD-ROM.

\_\_\_\_\_, (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21, CD-ROM.